

# Formação esportiva no jiu-jitsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201800040655>

Lucas VICENTINI\*  
Renato Francisco Rodrigues MARQUES\*

\*Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

## Resumo

O objetivo deste trabalho foi investigar indicativos socioculturais e pedagógicos que influenciaram a formação esportiva de atletas brasileiros de alto rendimento de jiu-jitsu, residentes no estado de São Paulo, Brasil. Foi tomado como principal referência, o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP), de modo a fundamentar a análise sobre as trajetórias dos participantes, frente a confirmações e diferenças em relação às etapas propostas por tal modelo teórico. Esta pesquisa qualitativa baseou-se em entrevistas semiestruturadas com seis atletas de alto rendimento de jiu-jitsu, brasileiros, adultos, homens, com graduação nas faixas marrom ou preta, medalhistas em competições internacionais. O método de análise empregado foi o Discurso do Sujeito Coletivo. Como principais resultados têm-se: a importância das vivências esportivas diversificadas e jogos deliberados nos anos de experimentação; a especialização em outra modalidade esportiva antes da iniciação no jiu-jitsu; a iniciação e especialização no jiu-jitsu ocorreram em média aos  $18 \pm 3,2$  e  $19,3 \pm 3,3$  anos de idade, respectivamente; a fase de investimento caracterizou-se como um período de mudanças gradativas, almejando o alto rendimento; a existência de trajetórias alternativas ao DMSP (*thresholds*), que contribuíram para a formação esportiva dos atletas. Conclui-se que o grupo estudado apresentou uma trajetória de formação esportiva não condizente com o observado na literatura sobre outras modalidades esportivas e o proposto pelo DMSP. Ainda assim, estes atletas atingiram altos níveis competitivos, com resultados esportivos relevantes em nível internacional. As vivências diversificadas até a idade adulta, e a especialização tardia na modalidade, destacam-se como particularidades nesse processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva; Iniciação Esportiva; Trajetória Esportiva; Carreira de Atletas; jiu-jitsu Brasileiro.

## Introdução

O jiu-jitsu é uma arte marcial<sup>a</sup> baseada no combate corporal em curta distância, na qual se destacam técnicas de projeção, imobilizações, estrangulamentos e torções articulares<sup>1</sup>. Suas origens remetem ao antigo oriente, especialmente ao Japão feudal, onde um conjunto de técnicas marciais denominadas jujútsu eram praticadas pelos samurais<sup>2</sup>.

Sua prática foi difundida através do intercâmbio cultural com o ocidente no início do século XX. No Brasil, o jiu-jitsu se diferenciou tanto tecnicamente, como filosoficamente, da prática japonesa, passando por um processo de esportivização<sup>b</sup>. Em meio a este processo, a vertente brasileira se destacou no cenário esportivo, de modo que o jiu-jitsu brasileiro passou

a ser reconhecido como modalidade esportiva de combate<sup>c</sup>, praticada nos cinco continentes, inclusive no próprio Japão<sup>3</sup>. O presente trabalho se dispõe a analisar o jiu-jitsu brasileiro como modalidade esportiva de combate, porém optou-se por se referir à modalidade apenas como jiu-jitsu.

A institucionalização do jiu-jitsu como modalidade esportiva de combate é recente e não há um consenso entre diversos órgãos reguladores que a reivindicam. Esta modalidade esportiva vive atualmente um cenário de concorrência entre múltiplas federações internacionais e campeonatos mundiais, o que possibilita a existência de mais de um campeão ou campeã

mundial em cada categoria de disputa<sup>3</sup>. O presente trabalho tomou como órgão regulador (Federação) de referência para discussão dos dados, a Internacional Brazilian Jiu-Jitsu Federation (IBJJF), dada a sua abrangência e importância internacional, e por ter a data de fundação mais antiga e maior número de países filiados<sup>3</sup>, além de ser a federação mais citada pelos participantes deste estudo. A adoção da IBJJF como referencial não descarta o reconhecimento dos títulos esportivos ofertados por outras organizações.

Assim como em outras manifestações de luta<sup>d</sup>, no jiu-jitsu há uma graduação hierárquica que simboliza o nível em que se encontra a formação, conhecimento e trajetória de seus praticantes, através da cor de sua faixa<sup>e</sup>. Nas competições oficiais, os atletas são divididos por categoriais de idade, peso e cor da faixa, ou apenas pela cor da faixa na categoria denominada “absoluto”, que tem lugar de destaque na organização das competições, com maior visibilidade, importância e premiação. Algumas competições de abrangência internacional organizadas pelas federações, como o caso do “Pan Kids de Jiu-jitsu” da IBJJF, admitem crianças desde os 4 anos de idade, que competem de acordo com um repertório de regras adaptadas instituído pela federação<sup>4</sup>. É observável também o crescente número da divulgação de competições regionais, onde também competem lutadores menores de 16 anos de idade<sup>5</sup>.

CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>6</sup> sugerem características (processos, padrões e resultados) comuns aos diferentes ambientes de formação esportiva vivenciados por crianças e jovens, e que culminam no alcance do alto rendimento, em uma vida esportivamente ativa no lazer, ou no abandono da prática, resultando em um modelo teórico denominado Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP)<sup>f</sup>. Tal proposta é baseada em evidências teóricas e empíricas, que tem como objetivo delinear pontos em comum entre processos de formação esportiva bem-sucedidos<sup>g</sup>, assim como alertar para prejuízos que podem ser causados por especializações precoces. É possível encontrar na literatura algumas discussões sobre a capacidade e legitimidade dos modelos teóricos em explicar o complexo fenômeno da formação e carreira esportiva<sup>7,8</sup>. Análises pontuais sobre determinadas modalidades e a consideração de individualidades em trajetórias esportivas de diferentes sujeitos podem enriquecer esta discussão.

Dentre os pressupostos dos DMSP, os mais consolidados na literatura são os que dizem respeito

aos resultados positivos da diversificação inicial de práticas<sup>9</sup>. Porém, no campo das lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate, é comum a exposição de jovens aprendizes a procedimentos pedagógicos tradicionais, com estrutura tão próxima do treinamento para adultos, que certos centros de treinamento sequer dividem as turmas por faixa etária. Em grande parte desses casos, o jovem é especializado no momento em que tem o primeiro contato com tal atividade, obviamente a que seu professor<sup>h</sup> domina, podendo limitar sua gama de vivências e experiências<sup>10</sup>.

Estudos sobre formação esportiva, relacionados a diversas práticas, têm oferecido preciosas contribuições realizando análises pontuais sobre diferentes cenários dentro do campo esportivo<sup>11-19</sup>. Porém, não é possível, ao investigar a formação de atletas em uma dada modalidade, conseguir respostas que possam satisfazer as demandas teóricas de diferentes contextos, pois cada modalidade esportiva possui seus níveis de exigência na formação, suas próprias especificidades e estrutura sociocultural<sup>20</sup>.

Nos últimos anos, o jiu-jitsu tem experimentado um aumento tanto do número de praticantes, quanto de sua visibilidade no cenário das modalidades esportivas de combate no Brasil e em outros países<sup>3</sup>, o que cria um efeito de elasticidade semântica e multiplicidade de suas formas de práticas. Enquanto uma série de estudos já vem se desenvolvendo em outras modalidades esportivas de combate<sup>13,14,16,17</sup>, ainda há uma lacuna e conseqüente demanda por investigações sobre os processos pedagógicos e socioculturais que envolvem o jiu-jitsu e suas diferentes formas de manifestação<sup>21,22</sup>. Deste modo, faz-se pertinente investigar como ocorreu o processo de formação esportiva de atletas de alto rendimento de jiu-jitsu no Brasil, a fim de contribuir para o preenchimento desta lacuna.

Este estudo tem como pergunta central: Como se estruturou a trajetória esportiva de atletas brasileiros de alto rendimento de jiu-jitsu? O objetivo geral foi investigar indicativos socioculturais e pedagógicos que influenciaram a formação esportiva de atletas brasileiros de alto rendimento de jiu-jitsu. Têm-se como objetivos específicos: a) analisar as idades e fatores socioculturais que determinaram a iniciação na modalidade e transições de etapas em suas trajetórias; b) analisar as experiências esportivas e lúdico-corporais nas diferentes etapas de formação esportiva;

c) comparar a trajetória dos atletas com o modelo DMSP; d) analisar particularidades nas trajetórias esportivas do grupo estudado que podem confrontar-se com generalizações propostas pela literatura sobre o tema.

## Revisão de Literatura

### O estudo sobre formação esportiva: O DMSP e investigações de trajetórias individuais

ERICSSON, KRAMPE e TESCH-ROMER<sup>23</sup>, investigando a formação de músicos em diferentes níveis de desempenho, identificaram uma categoria distinta de atividades altamente correlacionadas com trajetórias de sucesso neste meio, a chamada “prática deliberada”. Desde então, a quantificação da prática deliberada tem sido usada em estudos referentes à formação de seres humanos expoentes em diversas áreas, não apenas na música.

A prática deliberada se define como atividades altamente estruturadas, realizadas com um claro objetivo explícito, onde o principal foco está no desenvolvimento de habilidades, superação de fraquezas e aprimoramento de desempenho específico, sendo este cuidadosamente monitorado por terceiros que fornecem sugestões voltadas ao seu aperfeiçoamento. A prática deliberada requer esforço e atenção, se caracterizando por não trazer recompensas sociais e financeiras imediatas e não sendo frequentemente retratada como agradável<sup>23</sup>.

A partir desses avanços, alguns trabalhos que buscaram investigar a aplicação da teoria da prática deliberada no contexto esportivo mostraram que grande parte das atividades ligadas à formação esportiva de atletas bem-sucedidos em diferentes modalidades eram retratadas como prazerosas por si só<sup>13,14,24-26</sup>, rompendo com o princípio original da teoria da prática deliberada, mostrando que esta não é a única ferramenta importante para o desenvolvimento de desempenho esportivo.

A partir do discurso de atletas bem-sucedidos e seus familiares, CÔTÉ<sup>24</sup> descreveu uma nova categoria de atividades tão relevantes quanto a prática deliberada para a formação esportiva desses indivíduos, que denominou “jogo deliberado”. Comporia então esta nova categoria, todas as atividades frequentemente relacionadas ao início do envolvimento físico da criança, e que não deixam de existir ao longo da vida, caracterizadas como intrinsecamente motivadoras, que proporcionam

Para cumprir tais objetivos, foram realizadas entrevistas retrospectivas semiestruturadas com atletas brasileiros de alto rendimento de jiu-jitsu. O conteúdo das entrevistas foi analisado através do método Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

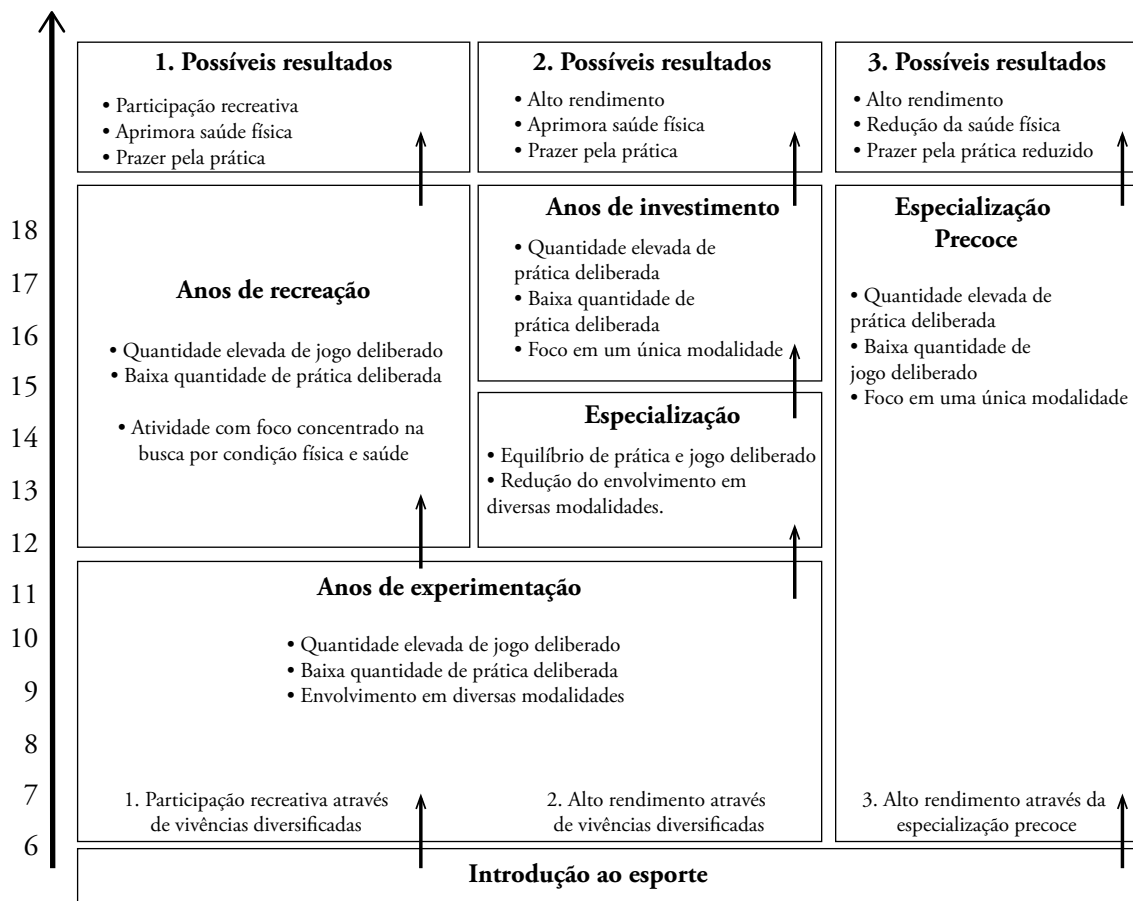
a satisfação imediata, especificamente concebidas para maximizar o prazer, não deixando de contribuir para a aquisição de experiências necessárias para uma formação esportiva bem-sucedida<sup>24</sup>.

O modelo de desenvolvimento da participação esportiva (DMSP), ilustrado na FIGURA 1, foi proposto como alternativa a modelos piramidais, pois passa a considerar os diferentes caminhos e desfechos que uma participação esportiva pode tomar, buscando contemplar a pluralidade do esporte e as diferentes trajetórias que seus praticantes podem vivenciar.

A grande maioria dos sujeitos iniciados no processo de formação esportiva não passa a compor o alto rendimento de nenhuma modalidade, assim como não tem essa forma de manifestação esportiva como um objetivo. O contato inicial com uma variedade de práticas esportivas e a prática com fins recreativos pode promover uma vida adulta fisicamente ativa, com todos os seus benefícios, formando o primeiro caminho do DMSP<sup>6</sup>. O contato com práticas esportivas e corporais diversificadas é característica dos denominados anos de experimentação, e segundo CÔTÉ e VIERIMAA<sup>9</sup>, é relacionado de forma consistente na literatura com resultados bem-sucedidos no processo de formação esportiva. Os anos de experimentação são caracterizados pela maior variabilidade de práticas com enfoque em atividades que exaltem o gosto por qualquer forma de atividade física, ou seja, jogos deliberados e baixa carga de prática deliberada<sup>6</sup>.

CÔTÉ<sup>24</sup> identificou que processos de formação esportiva de alto rendimento tinham como base os anos de experimentação (6-13 anos), e conforme se criava gosto por determinada modalidade, os jovens aprendizes avançavam sua formação nos anos de especialização (13-15 anos) e posteriores anos de investimento (15 anos em diante), compondo um segundo possível caminho do DMSP. Nos anos de especialização, o jovem passa a se dedicar a uma ou duas modalidades específicas, onde as cargas de práticas e jogos deliberados se equivalem. Posteriormente, já em uma única modalidade,

a prática deliberada passa a compor a maior parte da preparação deste jovem atleta nos chamados anos de investimento, onde o enfoque está em se preparar para a carreira esportiva<sup>6</sup>.



Fonte: Adaptado de CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>6</sup>.

FIGURA 1 – O modelo de desenvolvimento da participação esportiva.

CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>6</sup> ressaltam que o DMSP contempla ainda um terceiro caminho denominado “especialização esportiva precoce”, onde se negligência os anos de experimentação e os sujeitos que têm o primeiro contato esportivo com uma rotina de treinamento em que as práticas deliberadas são prioridade em detrimento dos jogos deliberados e à diversidade de experiências esportivas. A crença pautada na associação do treinamento especializado e exaustivo em longo prazo ao bom desempenho futuro, faz com que jovens sejam iniciados cada vez mais precocemente em modalidades específicas, podendo fazer com que as experiências positivas para o desenvolvimento sejam reduzidas e suas possibilidades de vivências motoras afuniladas em idade precoce, prejudicando o desenvolvimento global, podendo provocar o abandono na modalidade ou do envolvimento esportivo como um todo<sup>27-29</sup>.

De forma crítica ao estabelecimento de modelos sobre processos de participação esportiva, BARKER et al.<sup>7</sup>, ao investigar a formação de atletas olímpicos de diversas modalidades, identificaram que muitos pontos e eventos de grande influência na trajetória desses sujeitos não eram previstos em modelos como o DMSP, ou teorias sobre quantidade de tempo de prática, às vezes até os contrariando. Esses pontos são denominados pelos autores como *thresholds*<sup>5</sup>.

Além do contato com uma diversidade de modalidades, e o tipo de estímulo dado em diferentes fases da formação de atletas bem-sucedidos, BARKER et al.<sup>7</sup> destacam a subjetividade do aprendiz, a relação estabelecida com o meio em que se encontra, os indivíduos à sua volta durante a formação e suas experiências anteriores.

Em linhas gerais, BARKER et al.<sup>7</sup> questionam a viabilidade do estabelecimento de modelos

teóricos, com etapas e processos de formação esportiva que seriam generalistas, segundo os autores. A proposta dos mesmos se dá no sentido de refletir sobre as trajetórias vivenciadas por diferentes atletas como histórias pessoais que não

necessariamente podem ser explicadas a partir de tais modelos.

Deste modo, neste trabalho os dados oriundos dos discursos dos atletas serão discutidos em comparação ao DMSP e os eventuais *thresholds* de sua formação.

## Método

O presente trabalho se enquadra em uma abordagem qualitativa de pesquisa à medida que se propôs a desvendar e compreender contextos particulares com base em dados provenientes de entrevistas semiestruturadas. Configura-se em um procedimento exploratório-descritivo que busca destacar as informações provindas de discursos e/ou documentos, discutindo e analisando seus conteúdos<sup>30</sup>.

CÔTÉ, ERICSSON e LAW<sup>31</sup> propõem o uso de entrevista retrospectiva para atletas de alto rendimento como forma de coletar informações válidas sobre diversos aspectos referentes à sua formação e trajetória esportiva. Permitindo uma análise longitudinal, com base nos relatos de experiências por parte dos atletas.

## Participantes

Foram participantes desta investigação seis atletas brasileiros de alto rendimento de jiu-jitsu, adultos, do gênero masculino, com graduações de faixa marrom ou preta, medalhistas em competições de nível internacional e residentes no interior do estado de São Paulo, Brasil. A escolha de tais critérios se justifica pela premissa de que atletas com tais características se mantiveram inseridos em uma cultura de prática esportiva durante a idade adulta e tenham atingido o alto rendimento da modalidade. Esses mesmos critérios já foram utilizados por ANDREATO et al.<sup>32</sup>, quando investigaram o perfil morfológico de atletas de alto rendimento de jiu-jitsu.

Todos os participantes entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e tiveram suas identidades preservadas, sendo denominados como P1, P2, P3, P4, P5, P6.

**QUADRO 1** – Caracterização dos participantes referente ao período das entrevistas (segundo semestre de 2014)

Participante	Tempo de prática na época da entrevista (em anos)	Idade na época da entrevista (em anos)	Graduação (faixa)	Melhores resultados na época da entrevista
P1	10	26	Preta	3º Lugar Mundial
P2	18	35	Preta	3º Lugar Mundial
P3	19	33	Preta	2º Lugar Mundial
P4	11	31	Preta	3º Lugar Mundial
P5	7	25	Marrom	Campeão Sul-Americano
P6	17	40	Preta	Campeão Mundial
Média	13,7	31,6		
DP	± 5	± 5,65		

## Produção de dados

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes, conduzidas pessoalmente pelo primeiro autor deste trabalho, com uso de aparelho gravador de voz e posterior transcrição das respostas.

Após contato prévio com os atletas, as entrevistas foram agendadas individualmente e ocorreram nos próprios locais de treinos, em sala fechada e horários diferentes dos destinados

aos treinamentos e competições. Os roteiros das entrevistas semiestruturadas foram aplicados para todos os participantes, com a mesma estrutura inicial, sofrendo alterações de acordo com a direção tomada pela conversa e o conteúdo das falas dos entrevistados.

A temática do roteiro de entrevistas baseou-se na trajetória esportiva dos participantes ao longo de sua vida, contemplando desde a iniciação esportiva (ou práticas lúdicas) na infância, adolescência e

idade adulta, até o estado atual como atleta de alto rendimento de jiu-jitsu.

### **Análise de dados**

Os dados oriundos das entrevistas foram organizados, classificados e analisados, por ambos os autores do trabalho, através do método “Discurso do Sujeito Coletivo”<sup>33</sup> e suas ferramentas de análise que encadeadas e relacionadas, distribuem e ordenam as informações.

Tais ferramentas são as expressões-chave (ECH) e as ideias centrais (IC). As ECH são trechos literais do discurso que revelam a essência do depoimento. Trata-se do conteúdo discursivo que corresponde à questão da pesquisa. Têm a utilidade de apontar qual esfera de análise está sendo abordada pelo participante, facilitando uma primeira classificação

das respostas. As IC representam o tema do depoimento, os conteúdos a serem destacados e apontados como relevantes para a discussão do tema, pois direcionam para a ocorrência e forma dos eventos analisados. Apontando informações importantes sobre a ideia do entrevistado<sup>33</sup>.

Nos arquivos transcritos, as ECH foram destacadas, facilitando a identificação dos dados. Num segundo momento, essas ECH foram transportadas para Instrumentos de Análise do Discurso (IAD), na qual foram apontadas as IC referentes às respostas dos participantes. Num terceiro e último momento, com base em análise das IC, as respostas foram agrupadas de modo a terem sentidos homogêneos, para construção de um “Discurso do sujeito coletivo” (DSC), nome dado a tal procedimento metodológico<sup>33</sup>.

## **Resultados e Discussão**

Os resultados e discussão serão apresentados em conjunto, visando garantir a melhor contextualização de cada dado produzido nesta investigação. São descritos nesta seção os discursos-síntese, provenientes da análise dos discursos dos entrevistados, expressos pela descrição das IC e DSC, seguidos da discussão dos resultados, divididos de acordo com temas oriundos das entrevistas. Juntamente aos DSC, são apontados os sujeitos que compartilham de tal posicionamento, de modo a demonstrar a intensidade/força dos discursos dentro do grupo investigado<sup>34</sup>. A discussão dos dados se deu em um diálogo entre aspectos ligados ao objetivo da pesquisa e o referencial teórico apresentado.

A interpretação dos resultados foi organizada com base nas etapas propostas no DMSP, de modo a facilitar a comparação ou contraposição dos dados com o modelo. Quando os dados se diferenciavam do modelo, os *thresholds* foram analisados conforme observado por BARKER et al.<sup>7</sup> e denominados T1, T2, T3, T4, T5. Portanto, os resultados e discussão foram distribuídos em quatro tópicos, de acordo com a trajetória esportiva dos sujeitos: 4.1. A trajetória esportiva antes da iniciação no jiu-jitsu; 4.2. A iniciação no jiu-jitsu; 4.3. A especialização no jiu-jitsu; 4.4. Os anos de investimento no jiu-jitsu.

### **A trajetória esportiva antes da iniciação no jiu-jitsu**

Os atletas entrevistados vivenciaram variadas modalidades esportivas antes da iniciação no jiu-jitsu (IC-1/DSC-1) e a relevância dos jogos deliberados norteando este contato com outras modalidades também é citada (IC-2/DSC-2), corroborando o DMSP<sup>6-9,35</sup>.

DSC 1 – Fiz natação desde criança e também jogava bola na escola e na rua. Na minha adolescência eu gostava muito de praticar as mais diferentes modalidades. Pratiquei razoavelmente futsal e basquete na escola, só por prazer mesmo, diversão. Durante um período eu até conciliei futebol e a natação com o jiu-jitsu. Além das artes marciais, eu praticava periodicamente muitos esportes na infância e adolescência (P1, P2, P3, P4, P5, P6).

DSC 2 – Na infância, eu gostava muito de brincar, brincava na rua. Quando comecei a fazer esporte, o treino em si era uma brincadeira, a gente aprendia brincando. Eu sempre amei brincar ao fazer esporte (P1, P2, P4, P5).

FORD et al.<sup>36</sup> compararam 11 jovens britânicos, que após vivenciarem os anos de experimentação matriculados em um clube de futebol (dos 6 aos 12 anos de idade), passaram por processos seletivos

entre os 13 e 16 anos, alcançando o *status* profissional, com um grupo de mesma proporção que vivenciou o período de experimentação no mesmo clube, porém, que não foi selecionado para alcançar este nível de participação. Os autores concluíram que jogadores que atingiram o *status* profissional foram justamente os que acumularam maiores cargas de jogos deliberados na infância. Tem-se também como conclusão deste estudo que a diversificação de práticas no período da experimentação não foi diferente entre os dois grupos, dando maior credibilidade à quantidade e carga de jogos deliberados em relação à variação de práticas em outra modalidade de formação desses atletas.

Vale ressaltar que as lutas estiveram presentes nos anos de experimentação de todos os atletas entrevistados (IC-3/DSC-3), e parte desse grupo destaca que esse envolvimento se fez determinante para seu posterior ingresso no jiu-jitsu (IC-4/DSC-4).

DSC 3 – Tudo que envolve defesa pessoal e luta sempre me interessou. Tive contato com caratê, capoeira e judô, o qual praticou por anos (P1, P2, P3, P4, P5, P6).

DSC 4 – Desde o caratê eu já me via muito envolvido com tudo que diz respeito às artes marciais. Comecei jiu-jitsu através de professores do convívio da minha academia, mas a primeira experiência que eu tive foi com o judô. Então a base do meu chão<sup>k</sup> no início foi do judô mesmo. Desde o judô eu já gostava da parte de solo. No clube onde eu treinava judô apareceu um professor que dava aula numa outra academia da cidade e me falava: “aparece lá que vai ter um campeonato no final de semana e eu quero que você lute”. E depois fui me aperfeiçoando no jiu-jitsu (P1, P5, P6).

No discurso desses atletas, a transferência de habilidades e estar inserido no grupo social de uma academia de lutas atuaram como facilitadores para sua iniciação no jiu-jitsu nos anos seguintes. O fato de frequentar academias de luta nos anos de experimentação foi determinante para que se estabelecessem os primeiros contatos com o jiu-jitsu. Ter contato prévio com ambientes em que se praticava alguma forma de luta se deu como um *threshold* (T1) determinante na formação esportiva dos atletas que citaram ter se iniciado no jiu-jitsu por intermédio de vivências anteriores nesses ambientes.

VAEYENS et al.<sup>37</sup>, destacam a possibilidade de transferência de habilidades adquiridas em uma primeira modalidade para outra, inclusive

alcançando o nível olímpico. Este processo é tido como uma alternativa a programas tradicionais de seleção e promoção de talentos, sendo denominada “reciclagem de talento”. Aos termos de CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>6</sup>, jovens atletas que deixaram de alcançar o progresso competitivo em determinada modalidade esportiva em que se especializou e investiu anteriormente, podem vir a percorrer uma trajetória de alto rendimento em outras modalidades, em menos tempo devido ao aproveitamento das vivências anteriores. Os autores declaram que este processo é limitado pela natureza e semelhança entre as práticas do ponto de vista motor, fisiológico, técnico e cognitivo.

Segundo GOMES et al.<sup>38</sup>, as lutas dispõem de princípios condicionais comuns que são o contato proposital, fusão ataque/defesa, oponente/alvo, imprevisibilidade e regras, e podem se classificar através de denominadores transferíveis chamados grupos situacionais. Estes, por sua vez, são passíveis de serem ensinados antes da prática especializada, isto é, no período referente aos anos de experimentação, assim como quando aprendidos pelo praticante, podem ser aplicados em diferentes modalidades de lutas. Os autores destacam as possibilidades de transferência de aprendizagem em modalidades em que determinadas situações e habilidades são recorrentes no repertório de ambas, como no caso das projeções, agarres, imobilizações, torções e estrangulamentos.

Ao revisar um grande corpo de investigações ligadas ao DMSP após 15 anos de pesquisas, CÔTÉ e VIERIMAA<sup>9</sup> reconhecem uma alta consistência em trabalhos que sustentam a diversificação de práticas nos anos de amostragem de forma relacionada a uma carreira esportiva mais longa e a implicações positivas para o envolvimento esportivo em longo prazo.

Dentro da diversidade de modalidades esportivas praticadas antes do jiu-jitsu, alguns atletas entrevistados passaram por especializações em uma ou até duas delas antes de ter qualquer contato com esta forma de luta, na qual alcançaram o alto rendimento (QUADRO 2). O nível de especialização alcançado em práticas diferentes do jiu-jitsu é ilustrado através do relato do nível competitivo atingido: competições escolares (por parte do único participante que não se especializou em nenhuma modalidade antes do jiu-jitsu – P1), nível municipal (P2 e P4), estadual (P3 e P5) e nacional (P6). O QUADRO 2 ainda destaca as lutas de modo a apontar para sua relevância na formação esportiva destes sujeitos.

QUADRO 2 – Experiências esportivas antes do jiu-jitsu com destaque nas modalidades em que houve especialização (sublinhado)

Participante	Modalidades diferentes de lutas	Lutas
P1	Futsal e basquete	Muay-Thai
P2	<u>Natação</u> , basquete e skate	Capoeira
P3	<u>Futebol</u> , corrida, natação e tênis	Caratê e judô
P4	<u>Futebol</u> , tênis, polo aquático, atletismo, natação e ciclismo	Judô
P5	Futsal	Judô
P6	-	Caratê e judô

A variedade de experiências antes da iniciação no jiu-jitsu fica evidente neste quadro. CÔTÉ<sup>24</sup> identificou que entre os 13 e 15 anos, um grupo de atletas canadenses de alto rendimento (três remadores e um tenista) passaram por um processo de especialização em uma ou duas modalidades, inclusive na qual este se destacou posteriormente. O dado não se repete no grupo investigado no presente estudo, pois por volta deste período, a grande maioria dos sujeitos se especializava em outra modalidade antes de ter qualquer contato com jiu-jitsu.

Alguns atletas relataram a saída de modalidades em que se especializaram, seja por falta de motivação, pela estrutura do treinamento ou baixas perspectivas de progressão, voltando a vivenciar situações próprias dos anos de experimentação, praticando diferentes modalidades, período em que tiveram o primeiro contato com o jiu-jitsu (IC-5/DSC-5).

DSC 5 – Eu enjoei, não tinha mais paciência e já não era mais o selecionado para competições. Foi quando eu parei de treinar e voltei a sair com meus amigos vivenciando coisas diferentes, quando eu me iniciei no jiu-jitsu (P3, P5, P6).

Nesta passagem, percebe-se o que é tratado por CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>6</sup> como movimentos horizontais e até mesmo transversais dentro do DMSP. Conforme observado por FORD et al.<sup>36</sup>, o processo de seleção interna para ascensão no alto rendimento do futebol, por exemplo, contribuiu para que possivelmente houvesse este tipo de movimentação, fazendo com que jovens especializados, ao não prosseguir para a fase de investimento, tivessem um desvio de caminho no DMSP.

Para os atletas de jiu-jitsu estudados, as modalidades cuja especialização não foi levada adiante se tornaram parte do acervo de experiências anteriores ao jiu-jitsu, uma vez que a saída do caminho para o alto rendimento nas respectivas modalidades não impossibilitou o sujeito de

praticar outras modalidades, como o jiu-jitsu. Neste momento, os sujeitos já haviam vivenciado um período de experimentação rico em diversidade de práticas centrado na importância do jogo deliberado que contribuiu com implicações positivas ao seu envolvimento esportivo de longo prazo<sup>9</sup>.

Sob outro prisma, é possível notar em tais relatos a ocorrência dos *thresholds* (T2), ou seja, eventos que interromperam ou redirecionaram as trajetórias dos atletas nas modalidades em que se especializaram primeiro<sup>7</sup>. Isso também fica evidente nas particularidades apresentadas que ferem, de certo modo, os pressupostos do DMSP, por exemplo, em relação à idade de vivência dos anos de experimentação e especialização.

Os anos de experimentação se mostraram ricos na diversidade e no acúmulo de experiências. Existe uma forte concordância com algumas indicações do DMSP, como a iniciação em uma diversidade de modalidades, rica em jogos deliberados. Porém, os sujeitos entrevistados alcançaram altos patamares da modalidade após passar por uma iniciação e especialização tardia e uma incidência alta de trajetórias alternativas em comparação ao que é proposto pelo DMSP, rompendo com alguns preceitos apontados por CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>6</sup>.

GULBIN et al.<sup>39</sup>, ao estudar os padrões relacionados ao envolvimento competitivo de 256 atletas australianos de elite em 27 modalidades esportivas, concluíram que trajetórias não lineares são as mais comuns. No presente estudo, é visível que os processos de especialização vivenciados antes da iniciação no jiu-jitsu, por cinco dos seis entrevistados, configuram tais trajetórias não lineares. Portanto, pode-se questionar se a formação esportiva tem natureza linear ou obedece a uma desordem, fruto da particularidade de cada indivíduo e do meio social que o mesmo está inserido, corroborando BARKER et al.<sup>7</sup>, e encontrando reforço nos dados do presente estudo com atletas brasileiros de jiu-jitsu.



## A iniciação no jiu-jitsu

A idade de iniciação no jiu-jitsu foi relatada pelos entrevistados e a idade aproximada de especialização foi calculada com base no discurso individual de

acordo com as características representadas no terceiro tópico desta discussão (IC-7/DSC-7) (QUADRO 3). Os participantes se iniciaram no jiu-jitsu em média aos  $18 \pm 3,2$  anos de idade, se especializando aos  $19,3 \pm 3,3$ .

QUADRO 3 – Idades aproximadas da iniciação e especialização no jiu-jitsu

Participante	Iniciação ao jiu-jitsu (em anos)	Especialização no jiu-jitsu (em anos)
P1	16	17 (Faixa branca)
P2	17	17,5 (Faixa branca)
P3	14	16 (Faixa azul)
P4	20	20 (Faixa branca)
P5	17	20 (Faixa azul)
P6	23	25 (Faixa azul)
Média	18	19,3
DP	$\pm 3,2$	$\pm 3,3$

Há uma grande diferença na idade em que houve o primeiro contato dos participantes do presente trabalho com o jiu-jitsu, em comparação a um grupo de mesma proporção pertencente à elite olímpica do judô nacional, que tiveram o contato inicial aos 6,2 anos em média<sup>17</sup>. Esta diferença entre as idades de iniciação em modalidades esportivas de combate com origem em comum, evidencia as significativas diferenças socioculturais e pedagógicas ligadas à formação de seus atletas.

VAEYENS et al.<sup>37</sup> argumentam que as possibilidades de aproveitamento das habilidades e características desenvolvidas em outras modalidades são maiores naquelas menos populares, onde a iniciação ocorre em média mais tarde. A exemplo, BAKER, CÔTÉ e DEAKIN<sup>40</sup> relataram que triatletas de ultramaratona de elite dependiam muito mais de uma vasta rede de práticas anteriores, do que de especialização na infância ou adolescência, chegando a se especializar em idade adulta, como no caso dos atletas de alto rendimento de jiu-jitsu investigados.

Tal situação corrobora com os dados encontrados neste estudo. A ocorrência deste resultado pode ser argumentada por algumas barreiras culturais enfrentadas pelo jiu-jitsu que podem dificultar o acesso amplo de crianças e jovens a esta prática. O jiu-jitsu é uma modalidade esportiva relativamente nova, que apesar do crescimento no número de praticantes e visibilidade, é comumente associada na mídia à conduta de alguns de seus praticantes que historicamente se apropriaram da modalidade com

forma de exercício de poder nas cidades brasileiras, os denominados 'pitboys'<sup>41</sup>. É possível se questionar se essa imagem relacionada ao jiu-jitsu se coloca como uma barreira ao acesso por parte do público infantil, embora, como já mencionado na introdução deste artigo, a participação de crianças e jovens menores de 16 anos parece ser comum em competições de jiu-jitsu em algumas regiões do país<sup>4,5</sup>.

## A especialização no jiu-jitsu

Ao observar a estrutura do treinamento nos primeiros contatos do grupo estudado com o jiu-jitsu, é relatada pela maioria dos atletas entrevistados uma estrutura pouco baseada em jogos deliberados, isto é, atividades cujo foco principal seria proporcionar o prazer e diversão aos sujeitos (IC-6/DSC-6).

DSC 6 – A base do treino foi sempre igual. É aquecer, alongar, fazer um alto número de repetições técnicas e depois praticar a luta ou posições específicas. Para todo iniciante daquela idade é assim, isso eu vi em todo lugar (P1, P2, P4, P5, P6).

De acordo com o DMSP, no período de especialização deve haver um equilíbrio entre prática e jogo deliberado, para em seguida a prática deliberada assumir posição de destaque nos anos de investimento<sup>6</sup>, o que não foi característica da especialização no jiu-jitsu vivenciada pelo grupo investigado. Os atletas se iniciaram e especializaram no jiu-jitsu em idade adulta ou no final da

adolescência, o que pode ter relação ao fato de ter se deparado com cargas exclusivas de prática deliberada a partir do momento que se iniciaram nesta modalidade.

O processo de especialização na modalidade se deu no período que compreende entre faixa branca e azul (em média aos  $19,3 \pm 3,3$  anos), caracterizado então pelo início do envolvimento competitivo, estabelecimento de uma rotina de treinamento visando à competição e dedicação exclusiva ou mútua em outra modalidade (IC-7/DSC-7).

DSC 7 – Quando eu comecei, a rotina de treino era bem tranquila, eu treinava duas ou três vezes por semana. Minha primeira competição foi no ano em que eu comecei na faixa branca e ainda praticava outra modalidade, inclusive competindo. Na faixa azul, eu já me via bem focado, já treinando só o jiu-jitsu para competir (P1, P2, P3, P4, P5, P6).

Os dados corroboram o DMSP em relação ao número de modalidades praticadas no período de especialização<sup>6,9</sup>. Porém, há inconformidades aos critérios que norteiam o DMSP, pois no que diz respeito à trajetória desses atletas no jiu-jitsu, as diferenças entre a prática e jogo deliberado não retratam a fase em que esses se encontram no modelo. Ao se iniciar em idade avançada na modalidade, a estrutura das atividades baseou-se na prática deliberada, de modo que os jogos deliberados não foram relacionados ao treinamento de jiu-jitsu. Vale destacar que o jogo deliberado foi relatado como predominante nos anos de experimentação em uma diversidade de modalidades esportivas e os atletas se iniciaram no jiu-jitsu em média aos  $18 \pm 3,2$  anos, excluindo qualquer conclusão equivocada de que se iniciaram em um sistema de especialização precoce.

MARQUES, GUTIERREZ e ALMEIDA<sup>42</sup> propuseram três categorias que compõem as formas de manifestação esportiva: o ambiente de prática, a modalidade esportiva e o sentido dado à sua prática. Os autores propõem como possíveis sentidos dados à prática esportiva contemporânea, o sentido oficial e o sentido ressignificado. Organizações reguladoras, como federações, prezam pelo sentido oficial, através da padronização de normas e comparações objetivas de desempenhos, nos quais os participantes têm como objetivo primário a vitória, bem como em alguns casos, objetivos financeiros. O ambiente de alto rendimento de determinada modalidade é sempre regido inteiramente pelo sentido oficial.

Já o sentido ressignificado da prática esportiva, diz respeito a toda forma de manifestação que se

diferencia do sentido oficial em determinado nível, a fim de se adaptar a diferentes situações e ambientes, como por exemplo, quando o foco está no bem-estar e prazer dos praticantes, ou na adaptação de regras de disputa com a finalidade de facilitar a participação esportiva de diferentes pessoas. Neste sentido, a prioridade é que os participantes consigam praticar esporte de acordo com suas possibilidades e potencialidades, em um contexto em que as atividades são adaptadas às condições necessárias para tal vivência plena<sup>42</sup>.

Com base no discurso dos atletas (IC-7/DSC-7), pode-se dizer que o sentido dado à atividade delimitou as diferentes fases de sua formação no jiu-jitsu, de forma mais destacada do que as concentrações de prática e jogos deliberados propostas pelo DMSP, que se mantiveram sempre altas desde sua iniciação no jiu-jitsu. Deste modo, mudar o sentido dado à prática, de uma abordagem mais ressignificada para o sentido oficial, se caracteriza como um *threshold* (T3) determinante para a especialização desses sujeitos na modalidade.

Vale ressaltar que o processo de mudança de sentido não foi repentino e perdurou durante os anos de investimento onde cada vez mais o sentido oficial fez parte da perspectiva desses sujeitos em relação à sua atividade. Esta mudança de sentido não se deu de forma padronizada entre os participantes, ou seja, cada entrevistado vivenciou de uma forma particular estas passagens, reforçando as características subjetivas envolvidas na sua formação esportiva.

### Os anos de investimento no jiu-jitsu

No grupo estudado, os anos de investimento se deram no período entre as faixas roxa e marrom, até que se atingisse o alto rendimento entre as faixas marrom e preta (IC-8/DSC-8).

DSC 8 – Fui mudando minha rotina para se encaixar no perfil de alto rendimento. A partir da roxa não parei, e com o passar do tempo eu comecei a praticar todos os dias e então às vezes arrumava uma folguinha no dia e tentava realizar dois treinos, além da preparação física fora do treino com meus amigos que competiam. Então já passei a treinar todo dia em dois horários. Depois que comecei a competir mais, separei os horários, teve dia que treinei dois horários, a parte técnica, e a parte específica da luta em si também. A partir daí já participava em pelo menos umas quinze competições por ano. Então foi assim: na verdade eu nem percebi essa transição:

“Ah, entrei. Estou aqui no alto nível”. Começou a fazer mais parte da minha vida, estar mais presente (P1, P2, P3, P4, P5, P6).

Sendo a especialização tardia comum no grupo estudado, os anos de investimento são retratados quando já se tratam de adultos, e a transição desta fase para o alto rendimento se deu de forma gradativa, onde os objetivos dos atletas se direcionaram ao estabelecimento do alto rendimento no jiu-jitsu, não havendo mais o relato de uma segunda modalidade esportiva, em conformidade com o DMSP<sup>6,9</sup>.

Nos anos de investimento, a proporção de prática deliberada em relação ao jogo deliberado permanece superior, como descrito nos anos de especialização, mas neste período o tempo investido na prática deliberada tem aumentos consideráveis e corroborando com o esperado para os anos de investimento<sup>6</sup>. No mesmo período, a individualização do treinamento é evidente por meio de preparo físico suplementar e treinos exclusivos entre os competidores. Em continuação ao que foi observado durante o período de especialização no jiu-jitsu, o sentido oficial se fez cada vez mais presente na prática, visando o alto rendimento da modalidade à medida que o nível competitivo vivenciado se elevou.

Parte dos atletas relatou que em certo ponto de sua formação, a mudança de equipe ou professor foi fundamental para que progredisse para o alto rendimento (IC-9/DSC-9).

DSC 9 – Minha primeira equipe era mais voltada para o público que faz por lazer (não tinha muito competidor). Meu professor até levava a gente para competir, mas dava a aula por “*hobbie*” também, então chegou uma hora que estacionou e eu queria sempre aprender mais e eu fui buscar outros professores voltados para a competição. Na equipe nova foi diferente: todo mundo lá treina para competir, aí isso daí fez diferença na qualidade da minha preparação (P1, P4, P5, P6).

O discurso desses sujeitos mostra que em determinado ponto de sua formação houve a necessidade de trocar de equipe ou professor a fim de treinar em ambientes compatíveis com o sentido dado a modalidade no ambiente de alto rendimento competitivo<sup>42</sup>.

Em um estudo realizado com 25 nadadores que abandonaram a modalidade e 25 que se mantiveram na trajetória esportiva visando o alto rendimento, FRASER-THOMAS, CÔTÉ e DEAKIN<sup>43</sup> verificaram que os participantes que haviam mudado de clube durante sua formação tinham mais chances de fazer parte do grupo que se manteve envolvido

com a modalidade. As razões específicas para estas mudanças não foram investigadas no estudo, mas os autores interpretaram que a mudança de clube pode ter contribuído de forma positiva para a formação esportiva desses sujeitos pela maior diversidade de ambientes vivenciados.

Já FERREIRA e ARMSTRONG<sup>44</sup>, investigando o abandono e troca de clubes no futebol, com base no relato de 102 pais de atletas, concluíram que as trocas de clube eram mais comuns quando os participantes já haviam investido significativamente na modalidade e se mostravam insatisfeitos com o treinamento, considerando o nível atingido.

Uma vez adultos, esta escolha partiu do julgamento dos próprios atletas entrevistados, o que contribuiu para a expansão das fronteiras de sua carreira no jiu-jitsu. Esta mudança se caracterizou como um *threshold* (T4) determinante para o resultado atual de sua formação. BARKER-RUCHTI e SCHUBRING<sup>8</sup> apontam tais mudanças de locais de treino e competição como *thresholds* comuns para atletas que procuram alcançar o alto rendimento esportivo.

Ao analisar a formação esportiva desses atletas, observa-se que parte das propostas do DMSP não se confirma, principalmente nos anos de investimento. Para ilustrar o quão subjetivo e sujeito a variações pode ser o processo de formação de atletas de alto rendimento, é exposto o caso do participante 4 no período correspondente aos anos de investimento (IC-10/DSC-10)<sup>1</sup>.

DSC 10- Sofri uma lesão grave em uma competição na faixa roxa e não toquei o pé no chão por quarenta dias. O que me deixou fora da prática por quase um ano. Minha namorada vivia falando para eu deixar de lado isto (jiu-jitsu) e eu já ia desistir da carreira competitiva. No mesmo ano, me mudei de estado a trabalho para uma região onde havia mais competições, o trecho Rio-São Paulo. Eu voltei a treinar e comecei a ter destaque rápido em pequenas competições regionais, treinando muito menos do que estava acostumado, o que me animou de novo a respeito da ideia de virar competidor, conhecer o mundo, viver do jiu-jitsu (P4).

O participante 4, após uma lesão competindo, considerava a desistência da busca pelo alto rendimento. Ao mudar de cidade após sua recuperação, voltou a praticar jiu-jitsu com características referentes aos anos de recreação<sup>m</sup> e em seguida viu a oportunidade de ter destaque voltando a competir em outro ambiente, havendo transições temporárias no DMSP. Tem-se aqui o

exemplo pontual de um *threshold* (T5), que no caso, deu ao atleta perspectivas diferentes dentro de um novo ambiente, onde este viu a oportunidade de ascensão. Tipo de situação recorrente no estudo de BARKER et al.<sup>7</sup> com atletas olímpicos.

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar indicativos socioculturais e pedagógicos que influenciaram a formação esportiva de atletas brasileiros de alto rendimento de jiu-jitsu. O método Discurso do Sujeito Coletivo<sup>33,34</sup> contribuiu para a conclusão do objetivo da pesquisa, sintetizando a perspectivado grupo de atletas referente à sua formação esportiva de alto rendimento no jiu-jitsu.

A vivência de cada etapa proposta pelo DMSP não se deu por um caminho estático progressivo, mas correspondeu à subjetividade de cada indivíduo que passou por diferentes caminhos, inclusive por processos de especialização e investimento em outras modalidades, antes mesmo de conhecer o jiu-jitsu. Na adolescência, a maioria dos participantes chegou a se especializar em alguma modalidade, vivenciando variados níveis competitivos. As especializações anteriores à sua iniciação no jiu-jitsu deixam evidente a existência de outras trajetórias alternativas ao DMSP, conforme proposto por CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>6</sup>.

Todos os sujeitos, além da prática diversificada nos anos de experimentação, tiveram o contato com pelo menos uma modalidade de luta antes do jiu-jitsu, o que foi apontado pelos próprios atletas como facilitador de sua formação por dois modos: pelas transferências de habilidades entre modalidades semelhantes, ou por estar previamente inserido no contexto das lutas.

Tendo se iniciado em idade mais avançada na modalidade, em relação ao proposto pelo DMSP, após uma rica variação de estímulos e experiências durante toda sua formação, o processo de iniciação no jiu-jitsu se deu com estruturas de treinamento voltadas ao público adulto, já com uma alta proporção de prática deliberada. Deste modo, o ponto em que os atletas passaram da fase de experimentação para a especialização foi considerado a partir de critérios diferentes aos do DMSP, excluindo a proporção de práticas e jogos deliberados, mantendo o número de modalidades praticadas e incluindo as mudanças de sentido dado a esta atividade. Observam-se mudanças gradativas partindo de sentidos ressignificados a um sentido cada vez mais oficial, até que se atingisse o alto rendimento da modalidade.

Algumas afirmações do DMSP permaneceram válidas principalmente a importância dos anos de

experimentação, ricos em diversidade e voltados ao prazer. Mas a principal contribuição deste trabalho, além de ajudar a compreender como se deu a formação esportiva deste grupo de atletas de jiu-jitsu, foi mostrar que a particularidade dos sujeitos envolvidos no processo fez de cada trajetória uma vivência única. O modelo se coloca como uma forma relevante de fundamentação inicial para a análise, porém sem a capacidade de descrever com precisão a trajetória dos atletas de jiu-jitsu analisadas.

Devido à característica qualitativa do estudo, não é possível propor generalizações a partir de suas conclusões. Sua contribuição se dá em relação a um universo específico de atletas, mas oferece subsídios para novas investigações e reflexões sobre o tema. A vantagem da pesquisa qualitativa se dá justamente pela profundidade da análise sobre as categorias destacadas<sup>30</sup>. Sendo assim, a FIGURA 2 não se propõe como um modelo ideal de formação de atletas brasileiros de alto rendimento de jiu-jitsu, e sim traz uma imagem pontual da trajetória esportiva dos seis participantes deste estudo, mostrando a complexidade evidente nesse processo, em comparação ao DMSP.

A linha de cores gradual da FIGURA 2 representa as fases da formação esportiva do DMSP dentro do *continuum* da formação desses atletas no jiu-jitsu. As modalidades em que os participantes desse estudo se especializaram antes do jiu-jitsu são citadas juntamente com o período praticado em anos. Os anos de especialização e investimento nessas modalidades não são expressos em cores na figura, de modo a facilitar o entendimento do leitor. Portanto, a linha de cor verde na figura abrange os anos de experimentação em relação ao jiu-jitsu, isto é, todas as experiências anteriores à sua especialização no jiu-jitsu, incluindo especializações em outras modalidades esportivas.

Todos os sujeitos passaram por ricos anos de experimentação, conheceram o jiu-jitsu e em seguida se especializaram e vivenciaram os anos de investimento. A subjetividade deste processo, que faz com que cada trajetória seja única, é evidenciada na FIGURA 2 por meio dos *thresholds* descritos neste trabalho (T1, T2, T4 e T5), com exceção do *threshold* 3 (T3), que diz respeito a mudanças gradativas de sentidos dados ao jiu-jitsu, modulando as mudanças de fase do DMSP. A ocorrência do T3 na figura é representada através da mudança gradual de cores entres as fases do DMSP, de modo que quanto mais repentina é a mudança de cor, maior foi a relevância de T3 para a formação esportiva de cada atleta.

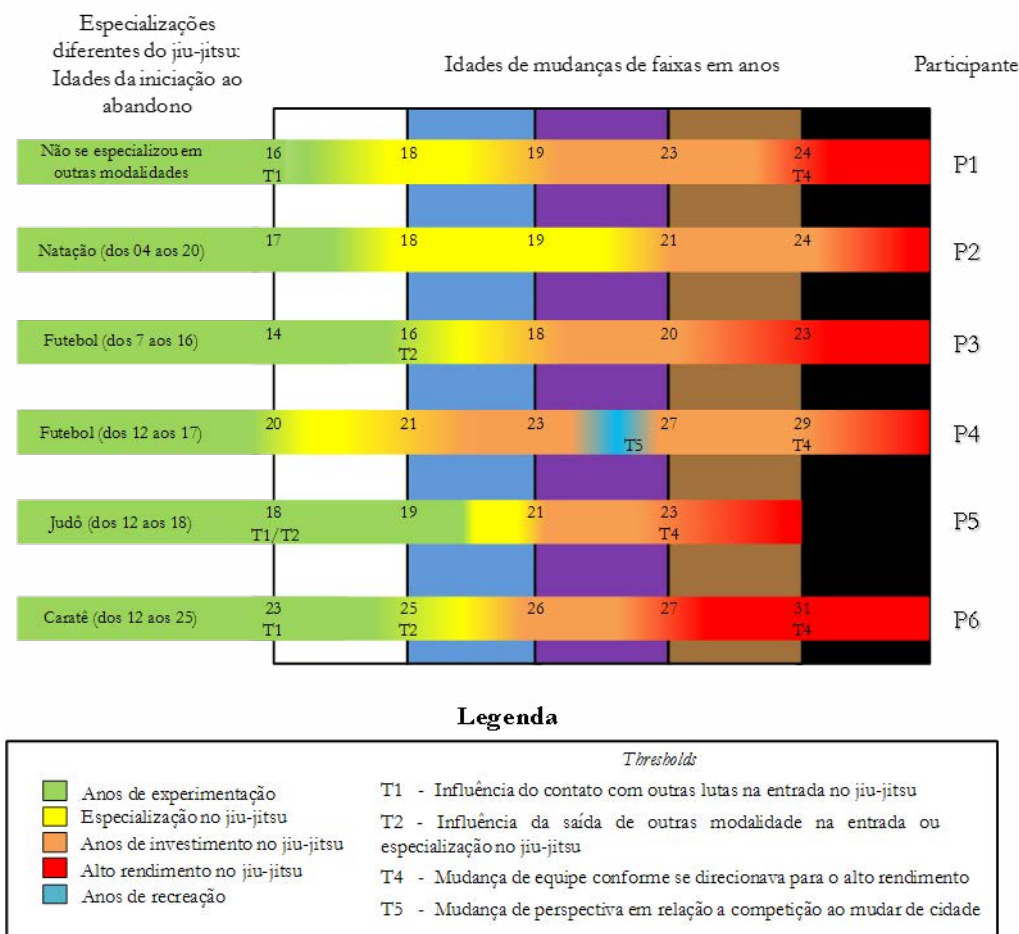


FIGURA 2 – As fases de envolvimento esportivo em relação às graduações no jiu-jitsu: generalizações e particularidades nas trajetórias dos atletas.

Este estudo, além de reforçar a importância do período de experimentação, deixa como implicação prática aos professores e instrutores<sup>n</sup> de jiu-jitsu, que lidam constantemente com sujeitos nos mais diferentes níveis de formação e experiências anteriores, que se deve considerar as vivências prévias e os possíveis sentidos dados à atividade por cada sujeito, individualizando a experiência esportiva.

Como contribuição teórica, este estudo busca o diálogo entre teorias da formação esportiva de bases objetivas e subjetivas. Conclui-se que o DMSP pode

continuar servindo de base para a estruturação inicial de processos de formação esportiva bem-sucedidos, mas as características subjetivas (*thresholds*) compõem de forma decisiva o direcionamento das trajetórias dos atletas.

Investigações futuras em diferentes níveis de envolvimento esportivo, tanto em patamares mais altos de rendimento competitivo, como no envolvimento recreativo, poderão contribuir para o aprofundamento das reflexões sobre a formação esportiva no jiu-jitsu.

## Abstract

Jiu-Jitsu sport career: generalizations and peculiarities on Brazilian elite athletes' perspective

The aim of this study was to investigate socio-cultural and pedagogical aspects that influenced the sport career of Brazilian jiu-jitsu elite athletes, resident in the state of São Paulo, Brazil. It was taken as the main reference to the Developmental Model of Sports Participation (DMSP) in order to support an analysis of the participant's career, established on confirmations and differences in comparison with this theoretical model.

This qualitative research was based on semi-structured interviews with six jiu-jitsu Brazilian elite athletes, adults, men, with a degree in brown or black belts, and medals in international competitions. The analysis method used was the Collective Subject Discourse. The main results are: the importance of diversified sports experiences and deliberate plays in sampling years; the specialisation in another sport before starting jiu-jitsu is part of the career of five athletes; jiu-jitsu initiation and specialisation given on average at  $18 \pm 3.2$  and  $19.3 \pm 3.3$  years old, respectively; The investment years characterised as a period of gradual changes aiming at high performance; The existence of alternative trajectories to DMSP (thresholds). We concluded that the participants showed a sports career not similar with that observed in other sports, according to the DMSP, even with participants had reached high competitive levels. Diversified experiences up to adulthood and late specialisation in the jiu-jitsu stand out as particularities on this process.

**KEYWORDS:** Developmental Model of Sport Participation; Sports Initiation; Sports Career; Athlete Career; Thresholds; Brazilian jiu-jitsu.

## Notas

- a. O termo “arte marcial” faz menção a um conjunto de práticas corporais configuradas a partir de uma noção denominada “metáfora da guerra”, destacando a relevância de dimensões éticas e estéticas desenvolvidas em diferentes contextos sociais<sup>45,46</sup>.
- b. A esportivização diz respeito ao processo de apropriação dos critérios que definem o campo esportivo contemporâneo por determinadas práticas, dentre tais critérios, pode-se citar as regras sistematizadas e a atuação de órgãos reguladores<sup>47</sup>.
- c. Modalidades esportivas de combate se referem a práticas de combate regulamentadas por instituições esportivas. Neste contexto, a competição, mensuração de resultados, racionalização e secularismo estão presentes, fazendo destas, formas de prática esportiva<sup>45,46</sup>.
- d. O termo “luta” é marcado pela sua polissemia e falta de consenso na literatura. Pode-se afirmar que no contexto do presente trabalho, o termo faz referência a embates físico-corporais de forma abrangente, contemplando os conceitos de arte marcial e modalidade esportiva de combate<sup>45,46</sup>.
- e. A partir dos 16 anos de idade, a ordem de graduação no jiu-jitsu se inicia na faixa branca, passando por azul, roxa, marrom e, por fim, a faixa preta e seus graus avançados. Crianças e jovens menores de 16 anos podem se graduar em até 12 faixas intermediárias com regras específicas, entre as cores branca e azul<sup>35</sup>.
- f. *Developmental model of sport participation*.
- g. CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>6</sup> sugerem que uma formação esportiva bem-sucedida se dá pela incorporação de uma cultura de prática esportiva a ser desfrutada pelo indivíduo por toda a vida, podendo ocorrer tanto no alto rendimento, quanto na participação recreativa visando prazer e saúde.
- h. O termo “professor” usado nesse trabalho é tido como sinônimo de *Sensei* ou treinador, isto é, aquele que ensina determinada luta, arte marcial ou modalidade esportiva de combate. Especialmente no jiu-jitsu, de acordo com a IBJJF<sup>4,35</sup>, o título de “professor” é dado para graduados na faixa preta responsáveis por conduzir aulas.
- i. O termo “*thresholds*”, utilizado por BARKER et al.<sup>7</sup>, pode ser traduzido como barreiras ou obstáculos que, transpostos, se fizeram determinantes em relação ao resultado que tomou esse processo.
- j. Quanto à institucionalização recente da modalidade, reivindicada por mais de uma federação<sup>3</sup>, permite que exista uma maior acessibilidade a competições a nível internacional em relação a outras modalidades esportivas, como o Judô, por exemplo. Fato este que não reduz o valor simbólico do nível de competição praticado pelos participantes da presente pesquisa e nem questiona seu êxito esportivo.
- k. Os atletas de judô e jiu-jitsu se referem a “chão” como os momentos da luta desenvolvida no solo. GOMES et al.<sup>38</sup> afirmam que as lutas dispõem de características em comum transferíveis entre si, e neste caso, a grande maioria das técnicas de solo são aplicáveis e permitidas tanto no judô, como no jiu-jitsu, de acordo com regras específicas, o que permite transferências de aprendizagem.
- l. O DSC-10 é o discurso de um único sujeito, porém promove o mesmo nível de contribuição à interpretação dos dados, conforme proposto por MARQUES et al.<sup>48</sup>, ao usar da mesma metodologia.
- m. Os anos de recreação correspondem ao período em que sujeitos não especializados permanecem em uma estrutura de vivências semelhante aos anos de experimentação seguindo o primeiro caminho do DMSP<sup>6</sup>.
- n. Instrutores são indivíduos responsáveis pelo ensino do jiu-jitsu que ainda não atingiram a faixa preta e o *status* de professor<sup>4,35</sup>.

## Agradecimentos

Agradecemos aos participantes da pesquisa pela disponibilidade e interesse em colaborar com o estudo.

## Referências

1. Gracie H. Gracie jiu-jitsu. São Paulo: Gracie Publications; 2005.
2. Galan D, Galan DD. Ju-jitsu as a method of psycho-physical training in the contemporary age. *Arena J Phys Activities*. 2014;3:71-82.
3. Paiva L. Pronto pra guerra: preparação física específica para luta & superação. Manaus: OMP Editora; 2009.
4. International Brazilian Jiu-Jitsu Federation. Rule book: general competition guidelines. Competition format manual [Internet]. Rio de Janeiro: IBJJF; 2015 [citado 3 nov 2017]. Disponível em: [http://ibjjf.com/wp-content/uploads/2015/04/RulesIBJJF\\_v4\\_en-US.pdf](http://ibjjf.com/wp-content/uploads/2015/04/RulesIBJJF_v4_en-US.pdf).
5. Sou Competidor [Internet]. Araraquara: SouCompetidor; 2017 [citado 3 nov 2017]. Disponível em: <http://www.soucompetidor.com.br>.
6. Côté J, Baker J, Abernethy B. Practice and play in the development of sport expertise. In: Eklund R, Tenenbaum G, organizers. *Handbook of sport psychology*. Hoboken: Wiley; 2007. p. 184-202.
7. Barker D, Barker-Ruchti N, Rynne S, Lee J. 'Just do a little more': examining expertise in high performance sport from a sociocultural learning perspective. *Reflective Practice*. 2014;15:92-105.
8. Barker-Ruchti N, Schubring A. Moving into and out of high-performance sport: the cultural learning of an artistic gymnast. *Phys Educ Sport Pedagog*. 2016;21(1):69-80.
9. Côté J, Vierimaa M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. *Scie Sports*. 2014;29(Suppl):S63-9.
10. Breda M, Galatti L, Scaglia AJ, Paes RR. *Pedagogia do esporte aplicada às lutas*. São Paulo: Phorte; 2010.
11. Barreiros A, Côté J, Fonseca AM. From early to adult sport success: analysing athletes' progression in national squads. *Eur J Sport Sci*. 2014;14(Suppl 1):S178-82. Epub 2012 Apr 23.
12. Galatti LR, Paes RR, Machado GV, Montero Seoane A. Campeonas del Mundo de Baloncesto: factores determinantes para el rendimiento de excelencia. *Cuad Psicol Deporte*. 2015;15(3):187-92.
13. Hodge T, Deakin J. Deliberate practice and expertise in the martial arts: the role of context in motor recall. *J Sport Exerc Psychol*. 1998;20(3):260-79.
14. Hodges NJ, Starkes JL. Wrestling with the nature expertise: a sport specific test of Ericsson, Krampe and Tesch-Römer's (1993) theory of "deliberate practice". *Int J Sport Psychol*. 1996;27(4):400-24.
15. Marques RFR, Lima CP, Moraes C, Nunomura M, Simões EC. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. *Rev Bras Educ Fís Esporte (São Paulo)*. 2014;28(2):293-304.
16. Massa M, Uezu R, Böhme MTS. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. *Rev Bras Educ Fís Esporte (São Paulo)*. 2010;24(4):471-81.
17. Massa M, Uezu R, Pacharoni R, Böhme MTS. Iniciação esportiva, tempo de prática e desenvolvimento de judocas olímpicos brasileiros. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2014;36(2):383-95.
18. Moesch K, Elbe AM, Hauge ML, Wikman JM. Late specialization: the key to success in centimeters, grams, or seconds (cgs) sports. *Scand J Med Sci Sports*. 2011;21(6):e282-90.
19. Santana WC, França VS, Reis HHB. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis Paranaenses. *Motriz*. 2007;13(3):181-7.
20. Baker J. Early Specialization in Youth Sport: a requirement for adult expertise? *High Abil Stud*. 2003;14(1):85-94.
21. Rufino LGB. *A Pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades*. Jundiaí: Paco Editorial; 2012.
22. Franchini E, Del Vecchio FB. *Ensino das lutas: reflexões e propostas de programas*. São Paulo: Scortecci; 2012.
23. Ericsson KA, Krampe RT, Tesch-Römer C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychol Rev*. 1993;100(3):363-406.
24. Côté J. The influence of the family in the development of talent in sport. *Sport Psychol*. 1999;13(4):395-417.
25. Helsen WF, Starkes JL, Hodges NJ. Team sports and the theory of deliberate practice. *J Sport Exerc Psychol*. 1998;20(1):12-34.

26. Young BW, Salmela JH. Perceptions of training and deliberate practice of middle distance runners. *Int J Sport Psychol.* 2002;33(2):167-81.
27. Marques A. A especialização precoce na preparação desportiva. *Treino Desportivo.* 1991;19:9-15.
28. Wiersma L. Risks and benefits of youth specialization: perspectives and recommendations. *Pediatr Exerc Sci.* 2000;12:13-22.
29. American Academy of Pediatrics. Intensive training and sports specialization in young athletes. *Pediatrics.* 2008;106(1 pt 1):154-7.
30. Thomas JR, Nelson JK, Silverman SJ. Métodos de pesquisa em atividade física. Porto Alegre: Artmed; 2007.
31. Côté J, Ericsson KA, Law MP. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information. *J Appl Sport Psychol.* 2005(1);17:1-19.
32. Andreato LV, Franchini E, Moraes SMF, et al. Perfil morfológico de atletas de elite de Brazilian Jiu-Jitsu. *Rev Bras Med Esporte.* 2012;18(1):46-50.
33. Lefèvre F, Lefèvre AMC. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: Educs; 2005.
34. Lefèvre F, Lefèvre AMC. Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo. Brasília: LiberLivro; 2012.
35. International Brazilian Jiu-Jitsu Federation. General system of graduation [Internet]. Rio de Janeiro: IBJJF; 2016 [citado 3 nov 2017]. Disponível em: [http://ibjjf.com/wp-content/uploads/2016/11/20150210\\_GraduationIBJJF\\_EN\\_vs2.pdf](http://ibjjf.com/wp-content/uploads/2016/11/20150210_GraduationIBJJF_EN_vs2.pdf).
36. Ford PR, Ward P, Hodges NJ, Williams AM. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the early engagement hypothesis. *High Abil Stud.* 2009;20(1):65-75.
37. Vaeyens R, Güllich A, Warr CR, Philippaerts R. Talent identification and promotion programmes of Olympic athletes. *J Sports Sci.* 2009;27(13):1367-80.
38. Gomes MSP, Morato MP, Duarte E, Almeida JJG. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento.* 2010;16(2):207-27.
39. Gulbin J, Weissensteiner J, Oldenzel K, Gagné F. Patterns of performance development in elite athletes. *Eur J Sport Sci.* 2013;13(6):605-14.
40. Baker J, Côté J, Deakin J. Expertise in ultra-endurance triathletes early sport involvement, training structure, and the theory of deliberate practice. *J Appl Sport Psychol.* 2005;17(1):64-78.
41. Rufino LGB, Darido SCO. Jiu-Jitsu Brasileiro na visão dos não praticantes. *Coleç Pesqui Educ Fís.* 2010;9(2):180-8.
42. Marques RFR, Gutierrez GL, Almeida MAB. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. *Conexões.* 2008;6(2):42-61.
43. Fraser-Thomas J, Côté J, Deakin J. Examining adolescent sport dropout and prolonged engagement from a developmental perspective. *J Appl Sport Psychol.* 2008;20(3):318-33.
44. Ferreira M, Armstrong KL. An investigation of the relationship between parents' causal attributions of youth soccer dropout, time in soccer organization, affect towards soccer and soccer organization, and post-soccer dropout behavior. *Sport Manag Rev.* 2002;5(2):149-78.
45. Correia WR, Franchini E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz.* 2009;16(1):1-9.
46. Marques RFR. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. *Rev Obs Deporte.* 2015;1:147-85.
47. Marques RFR, Gutierrez GL, Almeida MAB, Nunomura M, Menezes RP. Media approach to paralympic sports: the view of brazilian athletes. *Movimento.* 2014;20(3):989-1015.

ENDEREÇO  
Lucas Vicentini  
Av. Bandeirantes, 3900 – Monte Alegre  
14040-900 – Ribeirão Preto – SP – BRASIL  
e-mail: lucas.vicentini@usp.br

Recebido para publicação: 29/11/2016  
1a. Revisão: 08/11/2017  
2a. Revisão: 07/02/2018  
Aceito: 07/05/2018